REVISTA FLUMINENSE DE GEOGRAFIA 3

REVISTA ELETRÔNICA DA ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS - SEÇÃO NITERÓI
ANO 2- JAN/JUN DE 2006
ISSN 1980-9018

Gênesis: reflexões em torno de uma espaço-temporalidade primordial

Genesis: reflections about a primordial space and time

O Autor

Douglas Santos
Professor Adjunto do Departamento de Geografia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

A tradição judaica

(A João de Castro, amigo e companheiro de jornada, pelo simples fato de ter me mostrado os primeiros traços deste mapa)
(aos meus alunos, pela disposição em participar de uma aventura)

APRESENTAÇÃO

Essa já é a segunda versão de uma verdadeira aventura. A primeira, absolutamente imprópria para qualquer tipo de publicação, circulou pelas mãos de alguns alunos que tiveram a coragem de participar comigo de um curso que ministrei, nas dependências do Depto. de Geografia da PUC de São Paulo, e, como lhes expliquei na ocasião, não passava de um exercício, cujo objetivo seria estabelecer alguns parâmetros para, mais tarde, definirem a elaboração de minha tese de doutorado.

Tratava-se na verdade de um primeiro movimento que pressupunha muitos outros. O presente texto, na sua versão original, não era mais que a sistematização por escrito da primeira aula (de uma série de quinze, que procurou dialogar com um amplo conjunto de textos clássicos que, de uma maneira ou de outra, poderiam inspirar reflexões em torno da categoria "espaço").

Não sei se feliz ou infelizmente, o projeto parou no primeiro texto e só não ficou guardado na gaveta porque, nos dias de hoje, os textos ficam guardados na memória de computadores, mas, de qualquer maneira, a primeira versão é de 1996 e, só agora está sendo retomada para tomar um formato mais condizente a uma divulgação mais ampla.

Entre a primeira e a segunda versão as diferenças não poderão ser consideradas como marcantes. O que fiz foi, praticamente, rever toda a introdução (a qual, com variações, serviu de inspiração para a elaboração de minha tese, e se tornaria por demais repetitiva se aqui permanecesse) e retirar referências e falsas promessas, principalmente no que tange aos exercícios que deveriam ter sido elaborados e não o foram.

Quanto ao texto principal, procurei garantir a forma original de sua elaboração, acrescentando aqui e ali alguns parágrafos que procuraram deixar mais claras algumas digressões mais tresloucadas que cheguei a fazer. De qualquer maneira, espero, ainda, dar conta de todo o projeto original. Os percursos da pesquisa, no entanto, têm me obrigado a traçar outros caminhos. Fica aqui a intenção....

INTRODUÇÃO

"Ele fala para si mesmo, mas não sobre si. Ele nada diz sobre quem é ou o que pretende, e suas palavras são abruptas, sem nenhuma intenção de comunicar nada a ninguém, muito menos explicar nada, mas simplesmente decretar. (...)
A cena não tem narrador. Não é apresentada como uma visão referendada por algum profeta que teve o privilégio de assistir o trabalho de Deus. Mesmo assim, o efeito é o de algo ouvido atrás da porta, que se espiou escondido.
Entramos em cena com a obra em andamento (...)
E então, quando tudo parecia pronto, uma vacilacão...
(Miles, 1997; pags. 39 e segts.)

Jack Miles não foi, exatamente, um inspirador. Li sua obra depois de escrever esse texto. Na verdade, ele me deu a coragem suficiente para não "deletar" (vejam vocês, essa expressão tão extranha já se encontra no nosso vocabulário oficial e as aspas foram colocadas por pura rebeldia) esse arquivo para sempre. Sua obra, com o sugestivo título de "Deus, uma biografia", foi apresentada como um certo tipo específico de crítica literária, amplamente aceita pela maioria dos credos de origem judáica, que, página após página, me trouxe a emoção da releitura.

Claro que pode soar estranho o fato de releituras trazerem grandes emoções, mas, efetivamente, não estamos falando de uma obra qualquer. Reler, mesmo que um único versículo da Bíblia é penetrar (e procurar dialogar) em pensamentos que, sistematizados, percorrem os séculos, tomando a cada momento e em cada lugar um significado. Não são poucos os que, ainda hoje, folheiam aleatoriamente os textos sagrados e, ao lerem este ou aquele trecho se sentem inspirados (e, ou, justificados) em seus atos pessoais. Mais grandiosos ainda, são os exemplos históricos, onde esta ou aquela citação, descolada do texto principal mas absolutamente constextualizada a situações absolutamente diversas, mobilizaram armas, ódios, amores e projetos de milhões de seres humanos. A emoção da releitura, portanto, é a possibilidade que cada uma delas nos trás de rever nossas próprias raizes, revisitá-las, revigorá-las, dar-lhes novos sentidos. Jack Miles com sua biografia ou Saramago, com seu evangelho (ou do próprio Jesus Cristo, como Saramago denuncia no título de sua obra maravilhosa), são os exemplos mais recentes de minhas re-leituras. Não me cabe, portanto, julgar heresias, o que vale é me emocionar com as ousadias.

Como será fácil de se identificar, esse pequeno texto não faz críticas literárias nem se atreve a recontar a vida de Jesus. Trata-se de algo muito mais simples que, imagino, terá sempre muito mais sentido para o autor que para quaisquer eventuais leitores. Colocar em evidência os primeiros capítulos do Gênesis, para discutir as origens de nossa concepção de

espaço, possui um grau de ousadia infinitamente menor que os textos acima citados, mas, me parece, pode ser um ótimo ponto de partida para desvendarmos as origens mais remotas (e, também, mais presentes) de nosso pensamento sistematizado.

No Ocidente, poucos são os que desconhecem as narrativas que aqui serão discutidas. A criação do mundo, os seis primeiros dias do Universo, seus primeiros habitantes, os primeiros seres humanos, o paraíso, o pecado, o castigo. Uma narração revisitada por gerações e gerações de judeus, cristãos ou maometanos pelos séculos "sem fim". O que poderíamos dizer de novo sobre o drama de nossa gênese? Como será que um texto tão antigo pode nos influenciar a ponto de sobre ele ainda nos debruçarmos? Perguntas difíceis cujas respostas ainda não consegui, nem ao menos, iniciar qualquer tipo de formulação. É, efetivamente, emocionante reler, mesmo que para um herege como eu.

A CONSTRUÇÃO DAS CATEGORIAS

"No começo era o Topos. E o Topos indicava o Mundo, pois era lugar; não estava em Deus, não era Deus, pois Deus não tem lugar e jamais o teve. E o Topos era o Logos, mas o Logos não era Deus, pois era o que tem lugar."(Lefebvre, 1979:34)

A procura de uma espácio-temporalidade primordial não é mais que um fruto momentâneo de uma série de descaminhos. A preocupação em torno da construção conceitual atinente à categoria espaço foi me colocando frente à frente com informações que, pela seus aparentes paradoxos, provocaram esse movimento regressivo, em busca de fontes primordiais que teriam inspirado as afirmações ainda correntes na ciência moderna e contemporânea.

Homens como Copérnico, Kepler, Descartes, Kant, Newton, Einstein e muitos outros, não viveram o momento exato da construção do texto que me serve de referência neste artigo - isto é, o Gênesis - mas, por outro lado, os historiadores do pensamento científico não parecem duvidar das afirmações feitas pelos autores citados, no que tange às suas vinculações com a tradição judaico-cristã no seio mesmo de suas produções científicas.

Assim, é justamente ao detectar que as marcas fundamentais do humanismo muito pouco se relacionam com a negação pura e simples da existência de Deus, mas, sim, tangenciam uma espécie de reordenação do papel do humano (uma nova ontologia, portanto), que resolvi procurar no interior da própria linguagem bíblica os pontos primordiais de inflexão do pensamento humanista. Minha preocupação, portanto, pouco se refere à leitura possível que o(s) autor(es) dos textos bíblicos possa(m) ter feito de sua(s) própria(s) realidade(s) para expressá-la nos termos que, hoje, conhecemos - não se trata de uma exegese, portanto - mas, pelo contrário, a preocupação central é a busca de uma leitura possível para e no contexto da geração do discurso científico moderno.

Como já disse acima, o discurso bíblico é inspirador e, mais que isso, vale aqui realçar que, no contexto dessa discussão, ele só pode ser tratado como, igualmente, a reflexão científica possível de um povo e de uma época. Não

importa para a presente reflexão o quanto de fantasioso ou não cada afirmação bíblica possa conter. O que interessa realmente é que tais assertivas foram (e, por que não dizer, ainda o são para muitos) o agrupamento, por excelência, de "verdades apodícticas". Se ainda é comum entre os grandes físicos uma certa perversão do texto do Gêneses enquanto possibilidade metafísica da existência da singularidade e do big-bang, não há porque comprometer-me com discussões de cunho teológico mas, creio, há de se realçar a reflexão da cientificidade (e, portanto, da inferência de verdade), que tais textos podem nos trazer.

Para resumir: a reflexão não deve se intrometer nas possibilidades maiores ou menores da veracidade das afirmações bíblicas mas, sim, no seu papel enquanto estruturador da construção de uma cosmologia, e, predominantemente, no papel que esta tem no "inter-legir" do mundo.

O COMEÇO DO PRINCÍPIO

"No princípio Deus criou o céu e a terra" (Gen. 1:1).

Deus é, evidentemente, o sujeito da oração. Para quem escuta ou lê a narrativa o entendimento é imediato: Deus cria, a princípio, o que é necessário para o início de qualquer história, isto é, as condições para que ela se realize. Mas..., de que história se fala? O narrador não é explícito logo no primeiro versículo. O princípio é principio de que? Ou, de quem? Obviamente que não se trata do princípio de Deus. Nem mesmo do princípio de "tudo o que existe" se o que se pressupõe aqui é que Deus existe.

As dúvidas iniciais poderiam apontar para duas respostas cuja diferença está mais na abrangência do objeto que, propriamente, na objetivação do sujeito. Vejamos: se, no princípio, Deus cria o céu e a terra, podemos inferir que a narrativa está diretamente vinculada a nos contar a história dessas duas criaturas. Creio que este é um princípio válido se não fosse o fato de que o desenrolar da trama - pelas páginas e mais páginas que constituem este livro específico - pouca referência faz a esses objetos em específico. Vale, então, uma segunda inferência: o narrador não está contanto a história do céu e da terras, mas, sim, dos próprios seres humanos. De onde podemos tirar tal inferência? Ora, justamente do fato de serem os humanos a última criação de Deus e, é deles e sobre eles que todo o restante da narrativa se dedica. Trata-se, assim, de se identificar o incriado para justificar a criatura. Se, em outras palavras, a terra e o céu é condição para a existência dos homens, não há pré condição para a existência de Deus. Iniciar a história dos homens é, portanto, para o nosso autor (1), identificar as condições prévias de sua própria criação. Não há, aqui, qualquer referência sobre quem ou o que teria criado ou sido o próprio Criador já que o objetivo é falar da criatura, a qual, para existir, pressupõe um lugar previamente preparado. Como se vê, no princípio, Deus não cria o Homem, cria, na verdade, sua casa, ou, em outras palavras, os meios fundamentais para que ele possa existir e, por outro lado, a própria história de Deus se inicia no processo de criação da materialidade.

Retomemos mais um ponto para realçar: a expressão "No princípio", por sua vez, dificilmente poderia indicar o princípio de Deus, o qual, por ser absoluto, não pode ter princípio. O que nos parece que o texto evidencia é

que, se inicia na criação do céu e da terra a própria possibilidade do homem falar de Deus.

"A terra, porém, estava informe e vazia" (Gen., 1:2a), tal como um receptáculo plástico e passivo o suficiente para se amoldar a quaisquer tipo de ação do Criador.
Um versículo e meio e já temos aqui uma gama impressionante de inferências possíveis. Refletir em torno das afirmações bíblicas citadas já nos colocou frente à frente com o criador não criado e sua criatura primeva: um céu e uma terra informe e vazia. Deus cria o duplo: céu e terra - dupla negação e identidade, a possibilidade tangível do ser, que é por não ser o outro, cuja identidade não se constrói pela predicações fundamentais (forma e função) mas simplesmente por não ser seu outro, isto é, a terra é Terra por que não é Céu e vice e versa. A única predicação possível para a Terra recém criada é ser em potência algo que o Criador - na medida em que cria em processo, não cria o definido nem o definitivo mas, sim, cria a possibilidade de criar algo mais e, portanto, algo outro, que o céu e a terra informe e vazia podem permitir - paulatinamente dará forma e função, recheará, portanto, de predicados e, como veremos a seguir, não se negará em observar em sua própria obra a confirmação de si mesmo: isto é, o fato de ser uma boa obra, levando em consideração seus próprios critérios.

O céu e a terra, criatura primeira e informe da ação divina, só podem ser concebidos na pré condição da existência da própria divindade: o espaço por excelência.

Esta afirmação é, sem dúvida, temerária. Não há a expressão "espaço" no texto bíblico, nem para identificar o criador nem a criatura. A inferência aqui colocada já está dialogando com tradições muito mais recentes, perpassando as obras de homens como Nicolau de Cusa, Copérnico, Bruno, Galileu, Descartes e, principalmente, Newton (2). Sabemos que tais autores, partindo do princípio geralmente válido do fundamento de verdade existente nos textos sagrados, assumem - em alguns contextos, perigosamente - o papel de interpretadores, redefinindo o significado de Deus no contexto da nova cosmologia que foi sendo construída no mundo ocidental a partir do século XIII.

Digamos em poucas palavras: a idéia de "espaço absoluto", fundamento primeiro da física moderna, pressupõe que a existência de qualquer objeto só pode se dar na medida em que exista, previamente, um espaço que o contenha. A idéia de "infinitude do universo" exige, nessas condições, a existência de um espaço igualmente infinito e, portanto, uma pré-condição absoluta e, o texto que estamos observando, permite tal inferência em relação a Deus com certa facilidade, desde que a inferência em relação à infinitude do Universo esteja colocada como apriorística.

O risco colocado em todas essas afirmações é o de imaginar que o autor do texto bíblico imaginasse o Universo como infinito. Tal postura não parece razoável para a época em que o texto foi escrito. Devemos, portanto, nos ater mais a idéia de que "espaço" é mais uma prerrogativa da criatura que do criador. O criador é a condição primeira e última da existência da criatura, o espaço enquanto idéia, mas a materialidade é um dado da criatura.
Assim, se é certo que a narração que se inicia pela criação do Céu e da

Terra tem por objetivo identificar as condições básicas para a posterior existência dos homens, o que parece mais evidente é que Deus cria, em primeiro lugar, o receptáculo, o estrutural, o continente, para depois criar o efêmero, o contingente, mas, de qualquer maneira, o objetivo central de seu próprio desejo.

Deus é, portanto, aquele que tudo cria e no qual a criatura (ainda, aqui, o Céu e a Terra) se realiza enquanto tal. A criatura, no entanto, parece indescritível para o autor que a identifica como "informe e vazia, e as trevas cobriam a face do abismo, e o Espírito de Deus movia-se sobre as águas" (Gên. 1:2b). Assim, a espacialidade se coloca em dupla dimensão. Numa primeira instância (no primeiro ato criador) Deus é a condição de seu próprio ato; no segundo, a ação se realiza sobre o ato anterior: o espaço relativo, mutante, condição e limite desse desenrolar dramático e maravilhoso.

O drama da criação continua e se define, ao que parece, numa ordem de prioridades. Como vimos, Deus cria a matéria prima e, sobre ela age de forma sistemática, suprindo seu universo de acordo com as necessidades de seu mais dileto produto: os homens. Em outras palavras, sob os diversos ângulos possíveis da discussão, o que me parece evidente é que a primeira criação divina é o espaço relativo, já que o absoluto, por sua própria condição não é passível de ação criadora e tal como a cosmologia ocidental vai entender no transcorrer dos séculos cristãos, é o receptáculo ativo e absoluto do céu e da terra.

> *"E Deus disse: Exista a luz. E a luz existiu. E Deus viu que a luz era boa; e separou a luz das trevas. E chamou à luz dia, e às trevas noite. E fez-se tarde e manhã: primeiro dia." (Gên. 1:3 a 5)*

Mais que um estilo, o que temos aqui é uma concepção. Mais que um recurso literário, portanto, o texto se desenvolve em torno de uma cosmovisão ou, ainda em outras palavras, uma teoria do conhecimento subjacente e já em plena ação. Vale realçar, num primeiro momento, que a criação do céu e da terra não é, ao mesmo tempo, a criação da luz e das trevas. Um após o outro cada "gesto" divino se expressará na geração de seres "em si", independentes da criação anterior, mesmo que sobre ela atuantes. É interessante notar que Deus cria a luz e, só depois, separa-a das trevas. Criar a luz, portanto, não ilumina. Não há aqui uma relação de causa e efeito suficientemente óbvia para relacioná-la aos discursos que modernamente se inspirarão em torno dessa tradição. O que permanecerá é a evidente transformação do sensório em entidades metafísicas (isto é, separadas do todo, com vida própria e independente do processo ou das relações que necessariamente os condicionam).

A decorrência de tal abordagem nos leva a colocar em dúvida se o fato de Deus ter criado a luz é que permitiu a existência - ou constatação - de que o primeiro dia haveria se extinguido. Ao que me parece tal relação não é óbvia e muito menos necessária. Apesar de Deus ter chamado à luz de dia e às trevas de noite, não podemos tirar daí nenhuma decorrência de que tais identificações sejam a criação do próprio tempo - isto é, do dia enquanto identidade do tempo e não da luminosidade. Desconheço se na língua original existe distinção entre a expressão "dia" enquanto identificadora da luz e a mesma expressão enquanto identificadora de tempo. O texto, no

entanto, denota diferencialidade entre uma coisa e outra, o que nos leva a afirmar que:

* Tal como o espaço, o tempo também não aparece enquanto ato do criador mas, simplesmente, enquanto elemento de referência, já que Deus, por ser eterno, não tem tempo - Ele é o tempo absoluto - o qual não se permite ser usado como elemento de identificação, já que, sem princípio nem fim, não se esvai e nem se acumula (ou, em outras palavras, não é matematicamente identificável). O que fica de tal reflexão é que diferentemente do céu, da terra e da luz a referência temporal aparece como incriada. Em outras palavras, tal como o espaço, o tempo é a segunda categoria decorrente (conseqüente) de relação. Elas não aparecem de forma evidente mas enquanto fato consumado: os abismos ou a consumação do primeiro dia.

* Uma outra reflexão possível é que a dimensão temporal - tal como já me referi anteriormente - esteja embutida no próprio ato de criação se realizar de forma separada e seqüencial, mas isso não nega o fato de que, se "as trevas cobriam a face do abismo e o Espírito de Deus movia-se sobre as águas" e, ainda, "fez-se tarde e manhã: primeiro dia" tanto as trevas já eram capazes de cobrir quanto o Espírito de Deus mover-se sobre algum lugar e, por fim, fazer-se tarde e manhã enquanto conseqüência inerente à própria criação do céu e da terra (3).

A continuidade do texto segue os mesmos passos que, até o momento, já foram evidenciados. Vejamos:

"Disse também Deus: faça-se o firmamento no meio das águas, e separe umas águas das outras águas. E fez Deus o firmamento, e separou as águas, que estavam sob o firmamento, daquelas que estavam por cima do firmamento. E assim se fez. E Deus chamou o firmamento de céu. E fez-se tarde e manhã: segundo dia.

E assim se seguiram do terceiro (4) ao sexto dia. No sentido de reduzirmos as citações tomaremos aqui somente mais alguns fragmentos do texto sagrado:

"Disse também Deus: As águas que estão debaixo do céu, ajuntem-se num só lugar, e apareça o (elemento) árido.
(...)
E Deus chamou ao (elemento) árido terra, e ao conjunto das águas chamou mares"(Gen.: 9 e 10).
(...)
Disse também Deus: Sejam feitos luzeiros no firmamento do céu, e separem o dia da noite, e sirvam para (distinguir) os tempos, os dias e os anos"(Gen. 1: 14)
(...)
"E Deus fez dois grandes luzeiros: o luzeiro maior que presidisse ao dia, e o luzeiro menor, que presidisse à noite; e as estrelas. E colocou-as no firmamento do céu, (...) (Gen. 1: 16)

Há aqui alguns comentários que nos ajudarão a desenvolver o corpo geral deste trabalho:

* O primeiro deles é no sentido de chamar atenção para o fato de que o Criador, só depois de criar a luz e retirá-la das trevas é que passa a criar elementos capazes de iluminar (compare os versículos 3 a 5 com o de número 14);

* O papel fundamental dos "luzeiros", no caso, é permitir aos homens distinguir o dia da noite, pois, à princípio, os mesmo já haviam sido criados anteriormente (ainda nos limites dos versículos já citados);

* O significado geral do texto nos leva a refletir em torno do fato do tempo, igualmente, já existir antes da possibilidade de sua marcação. Para presidir o dia e a noite cria-se, portanto, elementos num dia e numa noite já criados. Dia, noite e luz tomam, portanto, o caráter de absolutos, enquanto que o fenomênico, ou, ainda, a percepção do dia, da noite e da luz, se faz no plano de sua relatividade, isto é, pela presença de astros especificamente criados para identificar o tempo.

* Temos, então, o tempo enquanto tal (absoluto) e sua expressão (o dia e a noite; o tempo relativo), o que, mais uma vez, nos permite identificar a profunda separação entre o ser ideal e sua realização material; de qualquer maneira, o calendário (a identificação astronômica dos dias e anos) antecede o próprio homem, o que, vale dizer, trata-se nesses termos de resultantes inerentes aos próprios fenômenos (5);

* Vale notar, ainda, que a presença dos astros não define posicionamentos territoriais, não serve para orientar direções, pelo menos no nível em que o texto, até agora, está se expressando.

O Homem, a Mulher:
seus lugares, pecados e castigos

Há uma diferença muito grande no desenvolvimento do texto a partir da criação de Adão e Eva. Tal como já chegamos a indicar, o comentador da edição de que dispomos já havia detectado que o autor do texto havia dividido a criação em dois blocos distintos de três dias cada um. Na leitura que faço essa distinção ultrapassa a tipologia dos seres criados e detecta uma mudança de estilo: a presença dos homens amplia, consideravelmente, o nível de detalhamento e o uso da recorrência, isto é, o mesmo fenômeno é várias vezes abordado, cada vez sob um aspecto diferenciado. Não podemos confundir o que vamos observar agora com o que já vimos: a criação da luz, do dia e da noite, dos astros que iluminam e definem o ritmo da sazonalidade, são, claramente, criações de momentos diferentes. No caso presente, a noção de tempo fica, praticamente, esvaziada, sendo substituída pela noção de lugar.

Vamos, primeiramente, acompanhar o processo de criação dos primeiros seres humanos, buscando, aqui, realçar o recurso à recorrência literária:

> *"Façamos o homem à nossa imagem e semelhança, e presida aos peixes do mar, e às aves do céu, e aos animais selváticos, e a toda a terra, e a todos os répteis que se movem sobre a terra. E criou Deus o homem à sua imagem; criou-o à imagem de Deus, e criou-os varão e fêmea. E Deus os abençoou, e disse: Crescei e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a, e dominai sobre os peixes do mar e sobre as aves do céu, e sobre*

todos os animais que se movem sobre a terra."
(Gen. 1: 26b a 28)

"O Senhor Deus formou, pois, o homem do barro da terra, e inspirou no seu rosto um sopro de vida, e o homem tornou-se alma (pessoa) vivente".
(Gen. 2: 7)

"Disse mais o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; façamos-lhe um adjutório semelhante a ele. Tendo, pois, o Senhor Deus formado da terra todos os animais terrestres e todas as aves do céu, levou-os diante de Adão, para este ver como os havia de chamar; e todo o nome que Adão pôs aos animais vivos, esse é o seu verdadeiro nome. E Adão pôs nomes convenientes a todos os animais, a todas as aves do céu, e a todos os animais selváticos; mas não se achava para Adão um adjutório semelhante a ele.
Mandou, pois, o Senhor Deus um profundo sono a Adão; e enquanto ele estava dormindo, tirou uma das suas costelas, e pôs carne no lugar dela. E da costela, que tinha tirado de Adão, formou o Senhor Deus uma mulher; e a levou a Adão.
E Adão disse: Eis aqui agora o osso dos meus ossos e a carne da minha carne; ela se chamará Virago, porque do varão foi tomada."
(Gen. 2: 18 a 23)

Podemos, à princípio, imaginar que os fatos narrados no capítulo 2 teriam por objetivo o detalhamento do sexto dia da criação (descrito entre os versículos 24 e 31 do capítulo primeiro) mas há, sem dúvida, um problema com a cronologia (6). No capítulo primeiro Deus cria o homem e a mulher e, depois de dar-lhes todas as suas outras criaturas para que delas se servissem e, por fim, verificar que "todas as coisas que tinha feito, (...) eram muito boas" o capítulo termina identificando a passagem do "sexto dia". Na continuidade (primeiros versículos do capítulo 2) Deus descansa santificando assim o sétimo dia. É, daí, que se retoma a criação dos homens (pretenso retorno ao sexto dia) mas, não há qualquer referência, na seqüência do texto em relação ao descanso. À princípio pode-se imaginar que o homem é criado duas vezes: no sexto e no oitavo dia (quando se encerra o descanso). Na medida em que tal reflexão é, simplesmente, absurda, só podemos imaginar que se trata aqui de autores diferentes dando atenção a aspectos igualmente diferentes do processo: enquanto no primeiro capítulo a identificação rítmica do tempo se evidencia e vai marcando a ordenação da ação divina, no capítulo 2 tal preocupação se desvanece e a criação dos homens e suas relação acaba marcada por uma certa a-temporalidade.

A seqüência lógica do texto, portanto, fica prejudicada com a recorrência, mas, de qualquer maneira, o fato de Deus projetar idealmente suas criaturas para somente depois agir à favor de seu projeto, se repete no primeiro capítulo mas não no segundo. Observe-se que no primeiro capítulo Deus disse "Façamos o homem à nossa imagem e semelhança" e só depois realiza seu projeto. 0 capítulo 2, no entanto, é mais descritivo e a resultante da criação vai surgindo no texto a partir de atos concretos.

Para o capítulo 1, ainda podemos verificar a absoluta confiança do autor na sapiência divina e nos seus desígnios. O Senhor cria tudo e, a cada ato,

repete sua observação em torno de suas criaturas, achando-as boas em si mesmas. No capítulo 2, a criação da mulher já é fruto de uma contradição e pressupõe que Deus, verificando a solidão do Homem e buscando resolver seu problema segue um caminho cuja resultante é, simplesmente, não conseguir ninguém suficientemente semelhante que pudesse servir de adjutório ao seu Adão. A mulher, portanto, não surge de um projeto pré concebido mas, sim, da tentativa de se solucionar um vazio existente no projeto original.

Um lugar para Adão e Eva

Adão e Eva, no entanto não são as únicas novidades do capítulo 2. O detalhamento do texto vai na direção de identificar condições básicas para a sobrevivência humana e das demais criaturas. Vejamos:

> *"O Senhor Deus fez o céu e a terra, e toda a planta do campo antes que nascesse na terra, e toda a erva da campinas antes que germinasse; porque o Senhor Deus não tinha (ainda) feito chover sobre a terra, nem havia homem que a cultivasse. Mas da terra saía uma fonte, que regava toda a superfície da terra."*
> *(Gen. 2: 4b a 6)*

> *"Ora, o Senhor Deus tinha plantado, desde o princípio, um paraíso de delícias, no qual pôs o homem que tinha formado. E o Senhor Deus tinha produzido da terra toda a casta de árvores formosas à vista, e de frutos doces para comer; e a árvore da ciência do bem e do mal. Deste lugar de delícias saía um rio para regar o paraíso, o qual dali se divide em quatro braços. O nome do primeiro é Fison, e é aquele que torneia todo o país de Evilat, onde se encontra o ouro. E o ouro deste país é ótimo; ali (também) se acha o bdélio e a pedra ônix. O nome do segundo rio é Gion; este é aquele que torneia a Etiópia. O nome, porém, do terceiro rio é Tigre, que corre para a banda dos assírios. E o quarto rio é o Eufrates."*
> *(Gên. 2: 8 a 14)*

> *"Nós comemos do fruto das árvores, que estão no paraíso. Mas do fruto da árvore, que está no meio do paraíso, Deus nos mandou que não comêssemos".*
> *(Gên. 3: 2b a 3)*

Em linhas gerais a preocupação fundamental está na definição do lugar do (enquanto) paraíso. Trata-se, sem dúvida, de uma cartografia na forma de texto, algo que em muito se aproxima dos textos geográficos mais clássicos onde as condições da trama antecedem-na sem que, no entanto, se esclareça em que medida tal ordenação faz parte ou define a própria trama. Em outras palavras: o que não está claro é se o desenrolar dos acontecimentos já estavam definidos à priori e, por isso mesmo, se constrói um verdadeiro palco para uma peça que já se conhece o texto, ou se, o desenrolar é desconhecido e a sapiência divina não se projeta pré-definindo o comportamento de suas criaturas.

A identificação dos rios que definem as fronteiras do paraíso é de particular importância para os nossos objetivos: vale retomarmos a leitura do texto bíblico para identificarmos que o objetivo final do autor é estabelecer fronteiras, definir limites territoriais da trama primordial. É aqui! Está ele a nos dizer. Não é, portanto, um lugar qualquer, não se expressa como um u-topos. Trata-se de algo identificável, definível e definido no sentido de que

a criação e o drama que daí decorre é absolutamente terreno, laico, humano, apesar de o humano, aqui, se expressar como criatura e, portanto, enquanto "algo" do próprio Deus.

Retomando alguns comentários que fiz anteriormente, vale lembrar que a criação da Terra e do Céu não se define para além do fato de serem criaturas de Deus (feitas por Ele e n'Ele, portanto), enquanto que o paraíso já pode ser definido por uma geometria de correlações, isto é: o relativo no interior do relativo, aquele que se identifica no interior do identificável ou, ainda, o lugar enquanto tal.

O que vimos é intrigante: o lugar não se insere no processo mesmo da trama e de sua construção (ou desenrolar). Ele se expressa dicotomicamente. Um momento para sua forma, outro momento para seu processo ou, ainda, um momento para o que potencializa e outro para o que efetivamente realiza. A árvore do bem e do mal (árvore do conhecimento, o que, por si só, já merece uma reflexão à parte) está no centro. Poderia estar somente no paraíso, mas está no seu centro, definindo posições, relações, distâncias e, portanto, significados que se darão a conhecer no transcorrer do próprio encontro com Deus (o saber) e de sua perda (o pecado).

O PECADO

"Viu, pois, a mulher que (o fruto) da árvore era bom para comer, e formoso aos olhos, e de aspecto agradável; e tirou do fruto dela, e comeu; e deu a seu marido, que também comeu. E os olhos de ambos se abriram; e, tendo conhecido que estavam nus, coseram folhas de figueira, e fizeram para si cinturas.
E, tendo ouvido a voz do Senhor Deus, que passeava pelo paraíso, à hora da brisa, depois do meio-dia, Adão e sua mulher esconderam-se da face do Senhor Deus no meio das árvores do paraíso. E o Senhor Deus chamou Adão, e disse-lhe: Onde estás? E ele respondeu: Ouvi a tua voz no paraíso e tive medo, porque estava nu, e escondi-me. Disse-lhe Deus: Mas quem te fez conhecer que estavas nu, senão o ter comido da árvore, de que eu te tinha ordenado que não comesses? Adão disse: A mulher, que me deste por companheira, deu-me (do fruto) da árvore, e comi. E o Senhor Deus disse à mulher: Por que fizeste isto? Ela respondeu: a serpente enganou-me, e comi."
(Gen. 3. 6 a 13)

Desobediência. Esta parece ser a palavra chave que provoca fissuras na relação entre criador e criatura. Acontece, no entanto, que não se trata de qualquer desobediência, pois, até onde o texto nos permite chegar, não havia qualquer proibição para o casal primordial que não fosse comer do fruto da árvore do bem e do mal. Assim, desobedecer significou fazer a única coisa que estava proibida já que qualquer outro ato estava fora de qualquer referência negativa ou positiva. É interessante notar, pois, que a condição potencial para o desobedecer estava nem mais nem menos que no centro do paraíso, quase que como uma verdadeira tentação mas, menos que isso, como lugar de referência e, talvez, mais que isso, como o lugar por excelência no sentido de que o centro é a referência básica do perto e do longe, do estar e do não estar, do pertencer ou não pertencer. A proibição, portanto, estava no acesso funcional do próprio centro, isto é, do sistema de referência territorial do paraíso.

A árvore, por outro lado, além de referência geométrica, possuía um amplo conjunto de outros significados, embutidos em sua própria denominação. Não se tratava de um fruto qualquer, mas sim do próprio "bem e do mal", ou como se chega a ter referências já citadas "a árvore do conhecimento". Muitas são as inferências possíveis que, em relação à presença de tal árvore (provedora de tal tipo de frutos), se fará em toda a literatura judaico cristã. Não há como evitar questões quanto à intencionalidade de Deus em tornar tão evidente e próximo dos homens a possibilidade do pecado e, mais que isso, porque é, justamente, a apropriação do conhecimento a identidade do pecado originário (vide a densa literatura em torno do Fausto, principalmente em Goethe). Por outro lado, muito grande é a capacidade de excitar nossa imaginação quando, de forma absolutamente pueril, o autor identificada Deus passeando (na ora da brisa, logo após o meio dia) no paraíso. Tais questões, no entanto, nos remete aos campos da literatura, da psicologia e, em última análise, à teologia, os quais, como sabemos, não cabem de forma alguma nesta reflexão em torno da construção do conceito de espaço. Em outras palavras: apesar da importância em torno da qualificação do significado de pecado o que nos importa aqui são suas conseqüências.

De quando mudar de vida é mudar de lugar: o castigo

"E o Senhor Deus disse à serpente: Pois que fizeste isto, és maldita entre todos os animais e bestas da terra; andarás de rastos sobre teu peito, e comerás terra todos os dias da tua vida. Porei inimizades entre ti e a mulher, e entre a tua posteridade e a posteridade dela. Ela te pisará a cabeça, e tu armarás traições ao seu calcanhar.
Disse também à mulher: Multiplicarei os teus trabalhos, e (especialmente os de) teus partos. Darás à luz com dor os filhos, e estarás sob o poder do marido, e ele te dominará. E disse a Adão: Porque comeste da árvore, de que eu te tinha ordenado que não comesses, a terra será maldita por tua causa; tirarás dela o sustento com trabalhos penosos todos os dias da tua vida. Ela te produzirá espinhos e abrolhos, e tu comerás a erva da terra. Comerás o pão com o suor do teu rosto, até que voltes à terra, de que foste tornado; porque tu és pó, e em pó te hás de tornar. E Adão e pôs à sua mulher o nome de Eva, porque ela era a mãe de todos os viventes.
Fez também o Senhor Deus a Adão e à sua mulher umas túnicas de peles e os vestiu. E disse: Eis que Adão se tornou como um de nós, conhecendo o bem e o mal; agora, pois, (expulsemo-lo do paraíso), para que não suceda que ele estenda a sua mão, e tome também da árvore da vida, e coma, e viva eternamente.
E o Senhor Deus lançou-o fora do paraíso de delícias, para que cultivasse a terra, de que tinha sido tomado.
E expulsou Adão, e pôs diante do paraíso de delícias querubins brandindo uma espada de fogo, para guardar o caminho da árvore da vida."
(Gen. 3: 14 a 24)

A beleza, quase plástica, deste texto me impediu de citá-lo promovendo cortes que o tornasse de leitura mais rápida e fácil. Temos aqui uma magia rara de se encontrar na literatura de todos os tempos, tanto pela dramaticidade quanto pela simplicidade com que o autor explica (e se explica) a humanidade do homem.

Tal não é, no entanto, a reflexão que nos propomos a fazer aqui. O que nos interessa de forma mais direta é um fato relativamente simples: o castigo se consolida na expulsão. Mudar de vida (e, neste caso em especial, mudar para pior) é mudar de lugar. O castigo é, por excelência, a noção da perda. Desaba sobre a humanidade a angústia da busca, pedra de toque da maior parte da saga que se desenrola a partir do drama acima descrito. Um processo constante de deslocamentos territoriais, de idas e vindas, construções e destruições em busca do caminho mais ou menos fácil de retorno às origens.

Os pecados e os castigos dos descendentes de Adão

E assim foi com Caim:

> *"E o Senhor disse-lhe: Que fizeste? A voz do sangue de teu irmão clama da terra por mim. Agora, pois, serás maldito sobre a terra (...)Quando a cultivares, ela não te dará os seus frutos; serás vagabundo e fugitivo sobre a terra (...)E Caim, tendo-se retirado de diante da face do Senhor, andou errante sobre a face da terra"*
> *(Gen.: 4;10 a 16)*

E assim foi na época de Noé:

> *"Deus vendo que era grande a malícia dos homens sobre a terra (...). E tocado de íntima dor em seu coração, disse: Exterminarei da face da terra o homem que criei, desde o homem até os animais"*
> *(Gen.:6;6 e 7)*
> *"Eis que estou para derramar as águas do dilúvio sobre a terra"*
> *(Gen.:6;17)*
> *"E veio o dilúvio sobre a terra durante quarenta dias (...).E as águas cobriram a terra durante cento e cinqüenta dias*

E foi assim na terra de Senaar:

> *"E disseram uns para os outros:vinde, façamos tijolos (...). Vinde, façamos para nós uma cidade e uma torre, cujo cimo chegue até o céu(...). E assim o Senhor os dispersou daquele lugar por todos os países da terra(...)E por isso, lhe foi posto o nome de Babel, porque aí foi confundida a linguagem de toda a terra, e daí os espalhou o Senhor por todas as regiões"*
> *(Gen.: 11; 2 a 9)*

Assim, o caminhos se verticalizam e se confundem numa torre, se maculam e se afogam no dilúvio, se horizontalizam e se perdem no deserto e só se evidenciam na metáfora da metáfora sobre o calvário. O velho e o novo testamento se confundem num sem número de mapeamentos, palmilhamentos das perdas e descobertas de referências: onde cada um deles procura traçar os caminhos da volta. Uma poética territorial que vai se consolidar nos fundamentos da cultura ocidental, apontar suas dúvidas e, principalmente, o rumo geral de suas respostas. Assim, se o castigo é a perda do lugar a salvação é uma peregrinação pelos lugares outros, a alegoria da perdição, isto é, do desconhecimento do caminho da volta.

Não é certo afirmar que o drama da busca seja uma questão circunscrita à tradição judaica. Mais lícito seria indicarmos que a construção cultural de um povo semi nômade e que vive entre a escravidão e a busca de seu

próprio lugar, pouca chance teria de se constituir sem evidenciar (e louvar) suas buscas num sem número de parábolas onde "viver melhor" quase sempre significa deslocar-se para o lugar outro (ou, ainda, o lugar do outro), cujas fronteiras permanecem secularmente difusas e inacessíveis por fora do ato da conquista. Assim é sair do Egito e da Babilônia e assim também é o caminho da salvação, o lugar desejado, o u-topos mais e mais secularizado pelas variantes que lhe impõe o cristianismo e o islamismo. Um lugar prá já e outro prá depois da vida, o palmilhar incessante de um caminho até o Reino de Deus.

Mas o texto bíblico não nos aponta somente para o fato de que a noção de lugar está nas raizes de nossas identidades. Mais que isso, a construção discursiva é paradigmática. A literatura, de maneira geral, vincula o idealismo subjacente à nossa racionalidade ao platonismo. Mas, como verificamos, nem só do pensamento grego se faz a racionalidade ocidental. A tradição judaica é rica e, possivelmente, mais eficiente nesse sentido. A idéia de um Deus único, diferentemente da cosmogonia grega, permite uma síntese entre criador e criatura que desafia os séculos. Hoje, ainda, nos defrontamos com a perspectiva de espaço e tempo identificarem fenômenos "em si" e "para si". A perspectiva metafísica que nos permite advogar o predomínio da linguagem sobre o fenômenos e, portanto, a subsunção do real, principalmente, à linguagem matemática, é o exemplo mais evidente dos últimos 500 anos.

Mas não basta. Continuamos afirmando que Cabral descobriu o Brasil e Colombo a América porque nos parece familiar a possibilidade de algo existir para além (e para aquém) dos processos em que estão inseridos ou, que a existência desses territórios, assim delimitados e denominados, é a pré condição para a existência dos Brasileiros ou Americanos de todos os matizes. Nossa linguagem nos trai. Deus está morto, diria Nietziecht. Não é essa a linguagem dos profetas? Não estaríamos aqui, ao aceitar a consígna, reafirmando-a enquanto denúncia do dado fundamental de nossa própria racionalidade? O problema, efetivamente, está mal colocado: seja do ponto de vista do senso comum, seja no que de mais requintado hoje se discurse em nome da ciência, o pensar metafísico ainda é o cordão umbelical que nos alimenta. É preciso a heresia suprema de se redefinir o próprio questionamento.

São Paulo, fevereiro de 1999.

Bibliografia

Bíblia Sagrada -4ª ed. Ed. Paulinas - tradução da Vulgata.
BRANCO, J.M.F. - Dialética, Ciência e Natureza - Ed. Caminho; Lisboa, 1989
BURTT, Edwin A. - As Bases Metafísicas da Ciência Moderna - Ed. UnB; Brasília, 1991
ELIADE, Mircea - História das Crenças e das Idéias Religiosas -Zahar Ed.; RJ; 1983
ELIAS, N. - Sobre El Tiempo - Ed. Fondo de Cultura Económica; México; 1989
FRAASSEN, B.C.van- Introduccion a La Filosofia del Tiempo y del Espacio- Ed. Labor, Barcelona; 1978
KANT, I. - Crítica da Razão Pura - Fund. Calouste Gulbenkian; Lisboa; 1989
LEFEBVRE, H. - Lógica Formal/ Lógica Dialética - Ed. Civ. Bras. RJ;

1979
idem - La Presencia y la Ausencia - Ed. Fondo de Cultura Económica; México; 1983
SZAMOSI, G - Tempo & Espaço: As Dimensões Gêmeas - Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro; 1988

Notas

1.- A partir de agora me referenciarei aos autores do texto bíblico exclusivamente no singular, pois, pouco ou nada acrescentaria a nossa discussão manter as dúvidas que se relacionam aos possíveis autores sagrados. Quando a diferença de estilo e perspectiva tiver importância no desenvolvimento de nossa discussão, isso ficará explícito no texto. 1

2.- Eu meu texto "A Reinvenção do Espaço" faço referências mais sistemáticas às obras dos autores citados. 2

3.- Na versão de que disponho o versículo 3 contém a seguinte nota de rodapé: "Após referência à criação divina da matéria primordial, o autor descreve, em forma lógico poética, a criação de diversas coisas, compendiando tudo numa semana que termina com o repouso do sábado. A forma é popular e concisa e as expressões correspondem ao tempo em que o livro foi escrito. Evidente a intenção de ressaltar que toda a criação é obra de Deus e de inculcar o repouso semanal, num dia inteiramente dedicado a Deus. Está inteiramente fora da perspectiva do autor apresentar um ensinamento científico a respeito da ciação do universo" (negrito é meu). O comentário merece, sem dúvida, ser realçado, pois, colocar em discussão a cientificidade ou não do texto envolve, claramente, uma necessidade recente de compatibilização da verdade bíblica com o discurso científico hodierno. A história, no entanto, é rica de exemplos do uso das afirmações bíblicas enquanto pressuposições de verdade apoditica (e, portanto, enquanto afirmações de ciência). Retirar do autor a intenção de fazer ciência é, no mínimo, transpor a verdade acabada presumivelmente contida no texto sagrado, para uma sacralização do discurso científico atual. Em outras palavras, o que está se buscando não passa de um certo tipo de eufemismo, retirando o carater histórico do texto na tentativa de desculpar o autor de não ter adivinhado que "Deus, ao criar o céu e a terra, não agiu exatamente como ele tinha imaginado". O argumento, portanto, é ineficaz e só garante o dogmatismo contra o qual, aparentemente, ele deseja se posicionar. 3

4.- Na versão que dispomos encontramos, ainda, o seguinte comentário: "O relato da criação divide-se em duas partes: organização do caos primitivo, obra dos três primeiros dias, 3-13; ornamentação do criado, obra dos três últimos dias, 14-31. No terceiro dia encontramos já a criação das ervas e das árvores porque, aderindo elas ao solo, os antigos concebiam-nas como parte do mesmo, sem vida própria". Realçamos aqui o comentário por dois motivos: primeiro, porque o comentarista, ao afrimar que a idéia dos vegetais fazerem parte da terra e terem vida própria pertencer à concepção de uma época já o coloca em franca contradição com seu comentário realçado em nossa nota de número 1; em segundo porque, se tornará de suma importância para nossas discussões posteriores as concepcões de móvel e do imóvel no processo de construção do pensamento científico e, por isso mesmo, na construção do conceito de Espaço. 4

5.- "Al estudiar los problemas del tiempo, se aprendem algunas cosas sobre la humanidad y sobre uno mismo; cosas que antes no se comprendian; cuestiones de sociologia y ciência humanas en general, que el estado actual de los instrumentos teóricos no permitía plantear, se hacen accesibles.

Mientras tanto, los físicos siguem afirmando que miden el tiempo, utilizando para ello fórmulas matemáticas donde juega un papel la medida del tiempo como quantum definido. Pero al tiempo no se puede ni ver ni sentir, ni escuchar ni gustar ni alfatar. La pregunta sigue flotando sin obtener respuesta: ¿cómo puede medirse algo que los sentidos no pueden percibir? Una hora es invisible. Pero, ¿acaso los relojes no miden el tiempo? Sin lugar a dudas, miden algo; pero ese algo no es, hablando con rigor, el tiempo invisible, sino algo muy concreto: una jornada de trabajo, un eclipse de luna o el tiempo que un corredor emplea para recorrer 100 metros" (Elias, N. 1989:11). A resposta a Elias, pode começar a ser elaborada aqui. 5

6.- Poder-se-ia, ainda, imaginar-se que o que estamos vivendo é, exatamente, o sexto dia da criação e que, portanto, o sétimo dia não passa de uma profecia. Tal reflexão, no entanto, nos leva a digressões de ordem teológicas, o que não é nosso objetivo. 6